

FORA JÁ! FORA JÁ DAQUI! BUSH DO IRAQUE E LULA DO HAITI!

As intenções de Bush em “recolonizar” o mundo são evidentes. Na América Latina, isto passa, principalmente, pela economia. No Iraque, a “opção” foi a ocupação militar.

Tudo isso não poderia ser feito sem a cumplicidade e os “bons serviços” de governos que servem como capachos para os planos ianques. Papel no qual Lula tem tido um vergonhoso desempenho, particularmente através da ocupação militar no Haiti, um dos principais símbolos da luta anti-racista e anti-colonial nas Américas.

Exigir a saída das tropas do Haiti é parte fundamental da luta contra os planos imperialistas. Uma luta que, mais uma vez, só pode ser travada em frontal oposição ao governo do PT, do PCdoB e seus muitos aliados, inclusive no movimento negro, onde muitos esqueceram-se da lição deixada por Solano Trindade, no poema ao lado.

“MINHA ALMA ESTÁ ARMADA...!”

Em 22 de novembro, completam-se 96 anos da “Revolta da Chibata”, o movimento dirigido por João Cândido, o Almirante Negro, contra os castigos físicos e abusos praticados pela marinha brasileira.

Para todos aqueles que realmente querem lutar contra o racismo, a Revolta deve servir como uma lição em dois aspectos fundamentais.

Seu início foi marcado por um enorme acerto: voltar os canhões de seus navios para a sede do governo federal. Num segundo momento, contudo, eles cometeram um lamentável erro ao acreditarem nas promessas desse mesmo governo, que rapidamente os traiu, levando-os à morte ou às prisões. Homenagear João Cândido significa, também, aprender com estas lições.

RACISMO SE COMBATE COM LUTAS

A opção do governo Lula pelo neoliberalismo e a cooptação da maioria das entidades do movimento social (da CUT à UNE, passando pela maioria do movimento negro) exige a construção de novos instrumentos de luta para os trabalhadores e a juventude. Para tal, em março foi fundada a Coordenação Nacional de Lutas, a Conlutas, que, através do Grupo de Trabalho de Negros e Negras, também propõe-se a apresentar uma alternativa classista e socialista na luta contra o racismo.



www.pstu.org.br/negros

Conheça a **Secretaria de Negros e Negras do PSTU** em nossas sedes, através do nosso site ou pelo e-mail.
racaeclasses@pstu.org.br
Sede nacional: (11) 5581-5776

*“Negros que escravizam
e vendem negros na África
não são meus irmãos*

*negros senhores na América
a serviço do capital
não são meus irmãos*

*negros opressores
em qualquer parte do mundo
não são meus irmãos*

*Só os negros oprimidos
escravizados
em luta pela liberdade
são meus irmãos*

*Para estes tenho um poema
grande como o Nilo”.*

Solano Trindade

RAÇA E CLASSE

BOLETIM DA SECRETARIA NACIONAL DE
NEGROS E NEGRAS DO PARTIDO SOCIALISTA
DOS TRABALHADORES UNIFICADO
NOVEMBRO DE 2006



RACISMO E CAPITALISMO: DOIS INIMIGOS, UMA MESMA LUTA

No início de novembro, dois fatos serviram como lamentáveis exemplos da dimensão e profundidade do racismo no Brasil. No dia 7, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA) transformou o Brasil no primeiro país no continente a ser condenado por não punir um caso de racismo. Uma semana depois, uma pesquisa do IBGE constatou que os brasileiros que se declaram negros ou “pardos” têm um salário médio equivalente à metade do que é recebido pela população branca.

Tanto a condenação quanto a pesquisa revelam que a luta de Zumbi, de João Cândido e de todos aqueles que combateram pela liberdade e pela igualdade está longe de ter atingido seu objetivo, apesar das muitas conquistas que foram arrancadas no decorrer dos anos.

Passados mais de 300 anos da morte de Zumbi, em 1695, a maioria dos negros e negras ainda é cotidianamente vitimada pelo racismo e suas nefastas consequências: da violência racista e policial aos estereótipos reproduzidos nos meios de comunicação; do desemprego ou subemprego à exclusão dos bancos escolares.

Uma situação que, apesar do que pregam Lula e seus aliados, só tem se intensificado nos últimos anos. Pois, afinal, este é um governo que, ao mesmo tempo em que lança migalhas e êngodos como o Bolsa-Família e o ProUni, ataca os trabalhadores e a juventude com a aplicação de planos neoliberais que promovem o arrocho e o corte de direitos, como, agora, pretendem fazer com o Super Simples.

Planos estes que atingem particularmente aqueles setores que foram historicamente marginalizados, como negros e negras.

Por isso, hoje, a única forma de homenagearmos Zumbi é através da luta sem tréguas contra Lula, seus aliados e o sistema que eles defendem.

Afinal, como já dizia Malcolm X, “não há capitalismo sem racismo”. E, por isso mesmo, não há como combater um, sem lutar contra o outro.



COMBATER O RACISMO: NA LEI E NA MARRA

A condenação da OEA refere-se a um processo iniciado por Simone Diniz, em 1997. Em 2 de março daquele ano, a *Folha de S. Paulo* publicou um anúncio de vaga para empregada doméstica que trazia como principal requisito o item “preferência branca” (algo que, por si só já mereceria um processo não só contra o anunciante como também contra o jornal, que nada fez para impedir tal absurdo).

Depois de confirmar a “exigência”, Simone denunciou o caso à OAB. De lá para cá, desenrolou-se uma verdadeira novela, na qual não faltaram vilões e cúmplices. Em duas semanas, a polícia paulista conclui o inquérito sem denunciar ninguém e, na sequência, o Ministério Público pediu arquivamento do caso.

Apesar da campanha encabeçada por uma centena de entidades, como o Instituto do Negro Padre Batista, todas as instâncias governamentais recusaram-se a tomar providências, inclusive o governo Lula, que impediu, em 2004, que o Estado fosse responsabilizado pela omissão.

Depois da condenação, tanto os representantes da Secretaria Especial dos Direitos Humanos quanto a de Políticas de Promoção de Igualdade Racial afirmam que o país vai cumprir a resolução da OEA, que estipula que o Brasil reconheça publicamente a violação dos direitos de Simone, pague uma indenização, dê apoio para que ela faça um curso superior e promova a reabertura das investigações.

Para muitos, o desfecho do caso está servindo como demonstração de que o caminho para se combater o racismo é a via institucional e legal. O que é um tremendo equívoco.

O caso de Simone é exemplar de que a única forma de se combater a discriminação racial é a mobilização sem tréguas contra todos aqueles que são agentes ou coniventes com o racismo. Da imprensa burguesa que, em troca de alguns poucos reais, permite que anúncios como estes sejam publicados, aos órgãos policiais e judiciais que acobertam os racistas; dos partidos que estavam no poder em 1997, ao governo Lula, que também se omitiu.

Que leis e medidas punitivas sejam aprovadas, é algo mais do que bem-vindo, mas há muito está evidente de que elas só serão aplicadas através de muita luta. E mais: para que casos como este não se transformem apenas em gratas exceções, é preciso que o combate ao racismo se volte contra todos aqueles que dele se beneficiam ou o encobertam. Na lei, ou na marra.



NEOLIBERALISMO E AS NOVAS CORRENTES DA ESCRAVIDÃO

Passados 118 anos da abolição da escravidão no Brasil, negros e negras estão a anos-luz da igualdade no que se refere ao mercado e às condições de trabalho.

Segundo a pesquisa realizada pelo IBGE, em setembro, somos a maioria dos desempregados (50,8%), dos que têm as mais longas jornadas de trabalho (39,5 horas semanais, contra 38,7 horas, no caso dos brancos) e dos que exercem os trabalhos mais pesados (55,4% dos ocupados na construção civil e 57,8% dos trabalhadores domésticos).

Além disso, enquanto 59,7% dos trabalhadores brancos, no setor privado, têm carteira assinada, somente 39,8% dos negros têm acesso a esse direito. Tudo isso se reflete na média salarial nacional: a dos negros e negras é de R\$ 660,45, o que corresponde a 51,1% do rendimento médio dos brancos (R\$ 1.292,19).

Já no que se refere à educação, além dos brancos compõem 82,8% dos que têm nível superior completo, a escolaridade média dos negros é de 7,1 anos de estudo, contra 8,7 anos na população branca.

O resultado não poderia ser outro: 66,6% dos negros encontram-se entre os 10% mais pobres do país.

Índices semelhantes ou ainda piores podem ser verificados em todas outras áreas da sociedade, particularmente quando aplicados às mulheres negras, que têm contra elas o acúmulo do machismo e do racismo.

PROUNI E SUPER-SIMPLES: APROFUNDANDO O ABISMO RACIAL

Diante desta situação, Lula e sua Secretaria Especial não se cansam de proclamar que nenhum outro governo fez tanto pela população negra, citando para tal suas reformas e “projetos sociais”. Uma farsa que não se sustenta.

O ProUni tem uma lógica descaradamente neoliberal e, conseqüentemente, racista. Inserido na Reforma Universitária, o projeto visa jogar negros e “carentes” em escolas sem qualidade, ajudando os seus donos a rechearem ainda mais seus bolsos com o pagamento de mensalidade e a isenção de impostos.

No mercado de trabalho, a história é ainda pior. Se é verdade que a Reforma da Previdência significou um ataque contra todos os trabalhadores, é um fato, também, que ela atingiu ainda mais fortemente aqueles que nunca tiveram acesso ao sistema, como é o caso da maioria dos negros.

O mesmo pode ser dito em relação ao projeto de Reforma Trabalhista que, no momento, está sendo antecipada através do famigerado Super-Simples, que visa desobrigar as micro e pequenas empresas a respeitar direitos básicos dos trabalhadores, como pagar salários em dia, o décimo-terceiro e os convênios médicos.

Caso implementado, o Super-Simples irá atingir mais de 90% das empresas do país e cerca de 60% dos trabalhadores empregados, os quais, como os números do próprio governo indicam, são, na maioria, negros e negras.

Por essas e outras, mais do que nunca, a luta contra o racismo, hoje, passa, também, pela a unidade de todos os trabalhadores e da juventude, para derrotar os planos neoliberais do governo Lula.